



RESUMO DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

A Cocaína e a Instabilidade em África: Lições da América Latina e das Caraíbas

POR DAVIN O'REGAN

- ◆ O valor em dólares da cocaína traficada através da África Ocidental subiu rapidamente e ultrapassou todos os outros produtos ilícitos traficados na sub-região.
- ◆ A experiência da América Latina e das Caraíbas comprova que o tráfico da cocaína contribui drasticamente para o aumento dos níveis de violência e instabilidade.
- ◆ A cooptação dos membros-chave do governo é o modus operandi preferido dos traficantes de cocaína da América Latina. Os governantes africanos precisam de actuar urgentemente para protegerem a integridade das suas instituições de combate ao narcotráfico de forma a evitarem que esta ameaça desenvolva raízes mais profundas no continente.

DESTAQUES

Em Novembro de 2009, os investigadores da ONU encontraram vestígios de cocaína entre os destroços e a fuselagem calcinada de um Boeing 727, no leito seco de um lago no deserto no norte do Mali. Aparentemente, os proprietários do avião lançaram-lhe fogo depois deste se ter danificado, provavelmente com a intenção de destruírem provas da sua identidade e carga. Com uma capacidade de carga útil de 10 toneladas de cocaína com um valor de 580 milhões de dólares, esta perda não afectou significativamente os traficantes de cocaína da África Ocidental.

É provável que a rota de voo deste 727 tenha incluído paragens na Gâmbia, Senegal, Guiné e Guiné Bissau mas é óbvio que era originário da América do Sul. A sua carga faz parte do crescente tráfico de cocaína proveniente da América Latina que faz o transbordo

na África Ocidental a caminho dos consumidores europeus. As estimativas dos transbordos anuais de cocaína na África Ocidental variam largamente entre as 60 e as 250 toneladas, com um receita anual situada entre os 3 mil milhões e os \$14 mil milhões de dólares.

Desde 2006 que vários países da África Ocidental têm vindo a confiscar quantidades avultadas de cocaína – na ordem das centenas e milhares de quilos – em cargas únicas. Estas apreensões foram muitas vezes acidentais, indicando que na realidade o tráfico foi provavelmente bastante superior. A cocaína sai da Venezuela, Colômbia e outros locais na América do Sul em contentores despachados em iates, em pequenos aviões e jactos. Os grupos de crime organizado e de militantes da América do Sul normalmente enviam remessas a granel para os traficantes da África Ocidental no Gana,

Nigéria, Guiné e Guiné Bissau, países frequentemente caracterizados como os “centros” de cocaína da região pelo Gabinete da ONU para a Droga e a Criminalidade (UNODC). De seguida a cocaína é re-empacotada e transportada para os países vizinhos antes de ser transferida para consórcios na Europa, geralmente compostos por expatriados africanos, que tratam das vendas a granel e a retalho. As apreensões efectuadas na África Ocidental tiveram como resultado a prisão de indivíduos africanos, sul-americanos, europeus e de outras nacionalidades.

Apesar da África Ocidental ser o local actual da actividade, o continente africano na sua totalidade é um centro ideal de tráfico – pobre, com pouco controlo e fraco policiamento – contribuindo para um ambiente de baixo custo e de risco reduzido. Uma vez que o continente africano não é produtor ou um

“a cocaína é uma mercadoria muito mais sedutora que outros produtos já contrabandeados através da sub-região”

consumidor importante de cocaína, há quem presuma que os efeitos a nível doméstico não serão significativos. No entanto, a evidência do impacto desestabilizador da cocaína já se faz sentir. Os assassinatos do presidente da Guiné Bissau e do Chefe das Forças Armadas no início de 2009 estiveram provavelmente ligados ao tráfico de cocaína. Em Janeiro de 2010 foi preso um dos oficiais superiores do Serviço de Segurança Presidencial da Guiné Bissau numa operação secreta relacionada com narcóticos, levando as entidades militares superiores a lamentar publicamente o envolvimento frequente do pessoal de segurança no tráfico de cocaína. Nos finais de 2009, o Gana extraditou para os Estados Unidos, três malianos que reivindicaram ligações à Al Qaeda no Magrebe Islâmico, acusados de tráfico de cocaína. O enorme valor do tráfico representa não só uma ameaça à segurança mas também o risco real de distorcer a economia regional,

os fluxos de investimento, o desenvolvimento e os passos em direcção à democracia.

Apesar do transbordo de cocaína em África ser um novo fenómeno, os países da América Latina e das Caraíbas têm mais de 30 anos de experiência em lidar com o narcotráfico – e os seus efeitos desestabilizadores. As duras lições da experiência na América Latina são potencialmente valiosas para a África no confronto com este novo e pernicioso inimigo.

NÃO SE TRATA DE UMA MERCADORIA ILÍCITA VULGAR

O tráfico de produtos ilícitos é comum na África Ocidental. Armas, medicamentos contrafeitos, cigarros e o petróleo transitam ilegalmente para e através da África Ocidental. Os traficantes na sub-região também têm um historial de tráfico de heroína por todo o mundo. O método da “mula”, que consiste na contratação de viajantes que engolem narcóticos em pequenas doses e viajam por via aérea é provavelmente uma inovação nigeriana.

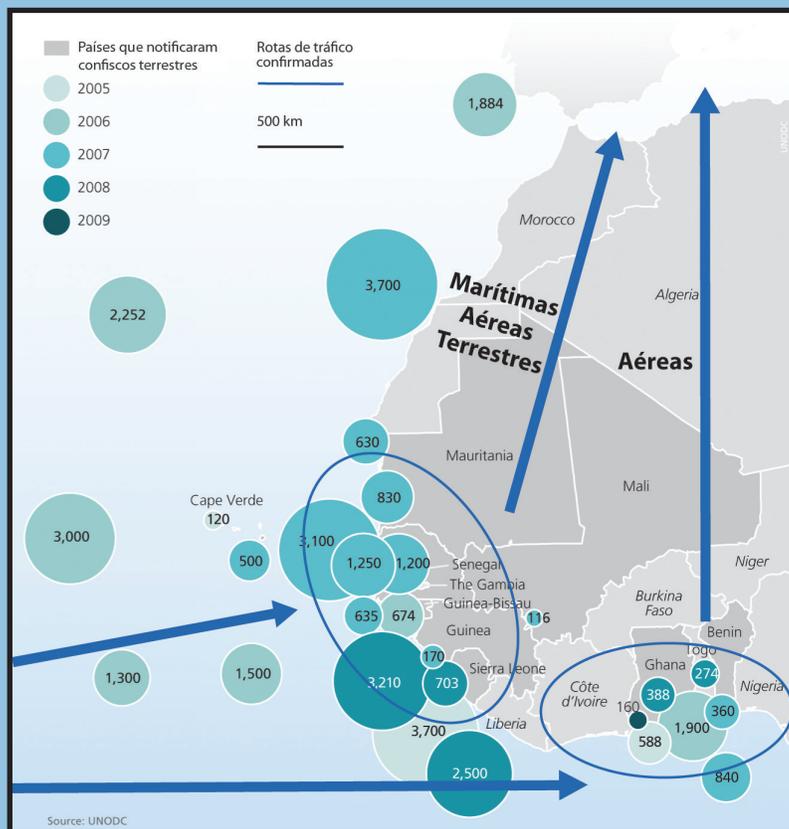
Mas a cocaína é uma mercadoria muito mais sedutora que outros produtos já contrabandeados através da sub-região. Quilo por quilo, é imensamente mais valiosa. De acordo com uma avaliação do Gabinete da ONU para a Droga e a Criminalidade (UNODC) sobre o tráfico na África Ocidental, o valor calculado do tráfico de cocaína em 2008 rivalizou com o petróleo como o produto mais traficada. Apesar disso, o volume da cocaína traficada foi comparativamente minúsculo quando comparado com os 55 milhões de barris de petróleo que foram roubados e transportados para se obter o mesmo lucro.

Os resultados do tráfico de cocaína também reduzem os recursos oficiais da sub-região. Durante um incidente ocorrido em Janeiro de 2008, oficiais de segurança malianos confiscaram 750 quilos de cocaína após um tiroteio. Este transporte representou 36% da despesa militar anual do Mali em 2007. Da mesma forma, os 350 quilos de cocaína apreendidos em Agosto de 2007 no Benin representaram o rendimento *per capita* anual de 31.000 habitantes do Benin.

O tráfico de cocaína pode vir a tornar-se uma presença assídua na África Ocidental. O transbordo surgiu em parte porque a procura está a aumentar na Europa. De acordo com o Gabinete da ONU para a

Davin O'Regan é Investigador Adjunto no Centro de Estudos Estratégicos de África na Universidade de Defesa Nacional.

Tráfico de Cocaína e apreensões em Quilogramas, de 2005 a 2009



Droga e a Criminalidade, o consumo de cocaína duplicou e triplicou nalgumas partes da Europa Ocidental desde 2000. Parece que os traficantes não estão a alterar o tráfico para servir uma procura preexistente mas a estabelecerem uma nova rota para um mercado em crescimento.

As dinâmicas de mercado também explicam porque é que o tráfico de heroína através da África Ocidental não tem sido tão desestabilizador. A África Ocidental desempenha um pequeno papel no tráfico global de heroína, uma vez que os mercados consumidores da América do Norte e da Europa são abastecidos através dos Balcãs, do Médio Oriente e do Sul da Ásia. Só foram confiscados 167 quilos de heroína na África Oriental e Central em 2007, ou seja menos de um trigésimo da quantidade de cocaína apreendida somente na África Ocidental no mesmo ano. Existe a preocupação crescente, no entanto, que a instabilidade na África Oriental esteja a atrair o tráfico de heroína (contribuindo para cerca de 200.000 toxicodependentes de heroína no

Quênia), que pode convergir com as rotas da cocaína da África Ocidental.

COCAÍNA, GOVERNAÇÃO E CORRUPÇÃO

Durante a última década, a África Ocidental emergiu de uma instabilidade generalizada e beneficiou de um período de declínio da violência e crescimento da democracia. A Serra Leoa, a Libéria e a Costa do Marfim estão a sair da guerra civil. O Mali, o Gana e o Benin continuam a consolidar as suas democracias. O tráfico de cocaína representa uma ameaça directa a este progresso.

Os traficantes detestam atenção. Qualquer resposta do Estado – seja a promulgação de leis pelo parlamento com vista a aumentar a segurança das fronteiras ou investigadores a processarem judicialmente os contrabandistas – aumenta os custos das transacções e reduz os lucros. Consequentemente, os traficantes tentarão evitar e impedir a resposta do Estado através de cooptação, suborno e corrupção, para protegerem os seus lucros. Em vez de guardarem os carregamentos

de cocaína com uma forte segurança e luta armada, os traficantes preferem subornar políticos, juízes e oficiais da polícia para estes ignorarem completamente o seu negócio. A estratégia consiste em beneficiar tais pessoas desde o início a fim de assegurar custos baixos por um longo prazo.

Nas Caraíbas, o narcotráfico tem sido um factor determinante do aumento e amplitude da corrupção. A Jamaica tem lutado durante anos contra a corrupção endémica, o clientelismo político e uma falta de responsabilização dentro do governo – um “cocktail” familiar à África Ocidental. A partir de finais dos anos 90, no entanto, a sua localização estratégica entre os Estados Unidos e os países produtores de drogas na América Latina atraiu o aumento dos transbordos de cocaína. Cerca de 2003, a Jamaica tornou-se num país líder no trânsito da cocaína destinada aos Estados Unidos. A qualidade da governação na ilha piorou rapidamente. A classificação da Jamaica no Índice de Percepção da Corrupção da Transparência Internacional desceu de 45º em 2002 para

“a evidência indiscutível da América Latina e das Caraíbas comprova que as taxas de homicídios e conflitos são proporcionais ao movimento do tráfico de cocaína”

99º em 2009. A queda acentuada da integridade pública coincide com os esforços regulares de grupos criminosos jamaicanos e transnacionais para “corromper funcionários em agências cruciais do governo - particularmente a polícia e as alfândegas - funcionários dos partidos políticos e organizações de base e comunitárias.”¹¹

O narcotráfico penetrou o governo e minou a governação noutras locais da América Latina e das Caraíbas. Em 2009, Leonel Fernandez, Presidente da República Dominicana, despediu 700 polícia e 535 militares, incluindo 31 oficiais superiores citando ligações ao tráfico da cocaína. No México, os *Zetas*, um grupo criminoso conhecido pelos assassinatos em nome dos narcotraficantes foi formado por oficiais que desertaram das forças armadas. No Brasil, os narcotraficantes de São Paulo, treinam os seus membros para passar o exame de entrada para o serviço civil, ganhando assim influência junto da burocracia governamental.

Ao mesmo tempo que o tráfico de cocaína aumenta, as frágeis instituições de governação na África Ocidental podem ser ainda mais enfraquecidas. Os relatos dos meios de comunicação africanos e as investigações independentes já sugerem que os lucros do transbordo de narcóticos podem estar a financiar partidos políticos e campanhas no Gana.² Um político nigeriano preso antes de embarcar num avião de Lagos para a Alemanha com mais de 4 lbs (aproximadamente 1.8 quilos) de cocaína no estômago explicou que necessitava dos fundos para financiar a sua próxima campanha eleitoral. As autoridades acreditam que ele pode fazer parte de uma rede mais alargada de contrabandistas.³ Na Serra Leoa, o Ministro dos Transportes e Aviação foi substituído depois de ter sido alegado, num julgamento, que ele concedera autorização de aterragem a um avião que transportava 700 quilos de cocaína.⁴ Existem relatórios idênticos de oficiais de alta patente da polícia envolvidos no tráfico de cocaína no Benin, Nigéria e Gana.⁵

COCAÍNA, CRIME E VIOLÊNCIA

O narcotráfico não é uma actividade intrinsecamente violenta. A violência dentro do comércio internacional de *cannabis* e *ecstasy*, uma anfetamina popular, é comparativamente baixo. Mas a evidência indiscutível da América Latina e das Caraíbas comprova que as taxas de homicídios e conflitos são proporcionais ao movimento do tráfico de cocaína.

Se os esforços de cooptação e suborno não têm sucesso, os traficantes podem usar a violência para impedirem ou resistirem às tentativas das autoridades governamentais para reduzirem o fluxo das drogas e prenderem os traficantes. Os grupos de traficantes também recorrem à violência para manter a lealdade e disciplina, assim como para eliminar os outros traficantes a fim de resolver disputas, fazer cumprir acordos ou contratos e proteger ou adquirir quota do mercado.

Neste tipo de ambientes, a violência pode aumentar drasticamente. Os estudos efectuados mostram que, quando a violência aumenta dentro de uma actividade criminosa, todos os crimes podem tornar-se mais violentos, os gangs proliferam e os cidadãos frustrados podem decidir fazer justiça pelas próprias mãos, a fazer linchamentos públicos e até enforcarem os suspeitos de crimes.⁶ Com frequência, observa-se uma diminuição da idade média dos criminosos e um aumento da

prevalência da violência no comportamento dos jovens. Por outras palavras, emerge a cultura da violência.

As evidências observadas na América Latina comprovam esta situação. A percentagem de homicídios é três vezes superior à média global e a mais alta no mundo. A percentagem de homicídios na Guatemala aumentou 50% entre 2004 e 2008, um aumento que acompanhou o tráfico de cocaína. De acordo com o relatório do Banco Mundial sobre o crime nas Caraíbas, “a melhor explicação para as altas percentagens de crime e violência na região – e o seu evidente aumento em anos recentes – é o narcotráfico.”⁷

A Jamaica tem uma das percentagens mais altas de homicídios no mundo e cerca de 40% de todos os homicídios estão relacionados com disputas sobre narcóticos. De facto, somente na Jamaica, existem 268 gangs locais e transnacionais, com dezenas de milhares de membros. O número de disparos envolvendo a polícia subiu abruptamente, ao mesmo tempo que as relações com os civis foram adversamente afectadas. Nos últimos 10 anos quase 2.000 jamaicanos foram mortos pela polícia – muitas vezes seguidas por investigações internas superficiais.

Estas condições podem contribuir para graves explosões de violência na Jamaica. Em Maio de 2010 as autoridades tentaram prender e extraditar para os Estados Unidos o poderoso líder de um gang jamaicano e reputado narcotraficante, Christopher “Dudus” Coke. Durante três dias, várias unidades das forças armadas e da polícia jamaicana varreram uma subsecção da capital da nação em busca do suspeito. O aumento dessa presença foi recebido com hostilidade pelos bairros controlados pelos gangs. Foram mortas mais de 70 pessoas em confrontações e batalhas com armas.

A violência associada com o narcotráfico pode atingir níveis perigosos. No México, os narcotraficantes lutam frequentemente uns com os outros e com o Estado para protegerem e expandirem o seu negócio. As entidades governamentais calculam que houve cerca de 9.000 mortes relacionadas com o narcotráfico em 2008, uma subida drástica relativamente a anos recentes e que provocou a morte de muitas pessoas inocentes. O México ultrapassou a marca de referência usada para designar um estado de guerra civil, com mais de 1.000 mortes por ano, desde 1995. Registou-se este número elevado apesar do governo ter gasto 2,5 mil milhões de

dólares em 2007 para reduzir a violência relacionada com o narcotráfico e o envio de 45.000 tropas.

O aumento da violência relacionada com a cocaína no México segue-se a um período prolongado no qual o tráfico de cocaína foi largamente ignorado pelo Estado, possivelmente devido aos esforços bem-sucedidos dos traficantes para cooptar oficiais. Os traficantes acumularam muito poder e influência, e alguns tornaram-se a autoridade *de facto* em várias regiões, criando com sucesso “espaços sem autoridade.” Quando o governo, eventualmente, confrontou os grupos de traficantes, estes responderam ferozmente, revelando que o Estado já não detinha o seu presumível monopólio sobre a violência e a segurança.

O tráfico de cocaína também disponibilizou recursos financeiros vitais aos grupos de insurgentes. Os relatórios recentes do Peru indicam que as forças armadas estão a debater-se com a ressurgência de elementos do *Sendero Luminoso* que aparentemente foi capaz de se reconstituir com verbas provenientes do tráfico de cocaína. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) criadas há 40 anos, cresceram substancialmente durante os anos 90, quando começou o tráfico da cocaína. Recentemente, as FARC diversificaram o seu comércio de cocaína dos Estados Unidos para a Europa, através da África Ocidental, uma presença que pode encorajar as insurgências na África Ocidental e facilitar o comércio em estratégias e táticas. De acordo com relatórios independentes, grupos terroristas e

“a África Ocidental tem muitas das condições que permitiram e expandiram a violência e os conflitos relacionados com o narcotráfico na América Latina e nas Caraíbas”

armados na região do Sahel na África Ocidental estão a entrar no comércio da droga.⁸ O mesmo ocorre com as milícias no Delta do Níger que aceitaram cocaína como pagamento feito pelos traficantes,⁹ o que permite a entrada no mercado a granel e aumenta exponencialmente as receitas.

Actualmente, a África Ocidental tem muitas das condições que permitiram e expandiram a vio-

lência e os conflitos relacionados com o narcotráfico na América Latina e nas Caraíbas. Na sub-região há muitas insurgências e grupos terroristas que podem ver no tráfico da cocaína uma oportunidade única para aceder a recursos financeiros. Da mesma maneira, os traficantes de armas ligeiras, cigarros e seres humanos, já existentes na África Ocidental, poderão diversificar as suas actividades para incluírem a cocaína. Na América Latina estes problemas transformam-se rapidamente em desafios à segurança nacional, muitas vezes ainda antes do Estado ser capaz de implementar respostas eficazes.

OBSTRUINDO O NARCOTRÁFICO, PROTEGENDO AS INSTITUIÇÕES

Em 2009, surgiram na Guiné indicações de processamento de cocaína em pequena escala e pensava-se que os laboratórios de processamento estavam activos no Gana. Isto representa uma evolução perigosa, para lá do tráfico de cocaína e comprova a necessidade de respostas rápidas e firmes. As lições aprendidas com a experiência da América Latina oferecem uma visão essencial às formas de combate ao narcotráfico emergente na África Ocidental.

Resposta Vigorosa e Imediata ao Problema. As ameaças que o tráfico de cocaína representa para a África Ocidental são seguramente assustadoras mas, se nada for feito, tornar-se-ão muito mais difíceis de reverter. O aumento de homicídios e da actividade criminosa nas Caraíbas têm revelado “fortes efeitos de inércia” de acordo com o Banco Mundial. Isto significa que “quando as taxas de crime são altas é possível que seja difícil reduzi-las”. Ao mesmo tempo, os esforços para reduzir o crime a curto prazo terão quase de certeza vantagens a longo prazo.”¹⁰ Uma vez que o tráfico de cocaína ainda se está a desenvolver na África Ocidental, existe a oportunidade de evitar a sua expansão. Impedir o tráfico de cocaína é mais barato, também. Se a África Ocidental puder confrontar uma maior expansão do narcotráfico, poderá conseguir evitar o aumento resultante do crime e da violência, fuga do investimento estrangeiro, proliferação de gangs, super-lotação de prisões, sobrecarga do trabalho dos tribunais e o aumento dos gastos com a defesa e com o policiamento, tal como aconteceu na América Latina e nas Caraíbas.

Assim, os líderes políticos e cívicos da África Ocidental devem fazer pressão constante sobre as agências governamentais responsáveis para que acelerem os seus esforços de combate ao narcotráfico. Infelizmente, as actuais indicações sugerem que as estratégias recentemente planeadas continuam por usar e estão mal distribuídas. Em Outubro de 2008, a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEEAO) desenvolveu um plano de acção regional para combater o narcotráfico com base em cinco temas: recolha de informações; aplicação da lei; enquadramentos legais; prevenção do abuso de estupefacientes e apoio político e orçamental. O plano de acção explora desafios específicos e identifica alvos, estratégias, agências, líderes e parceiros potenciais, para lhes dar resposta. No entanto, a avaliação das capacidades e das necessidades do país efectuada pelo Gabinete da ONU na África Ocidental não foi iniciada até Novembro de 2009 e apenas na Libéria e na Serra Leoa. A avaliação concluiu que muitas agências nacionais nem sequer tinham conhecimento da existência de um plano de acção regional.¹¹ Dito isto, o trabalho de colaboração do governo da Libéria com as autoridades dos E.U.A. levou à extradição de vários indivíduos naturais da África Ocidental e da América do Sul que tentaram subornar os oficiais liberianos para facilitar transbordos de cocaína em larga escala em Junho de 2010.

Salvaguarda da Integridade das Instituições de Combate ao Narcotráfico. A eficácia da capacidade de um governo em reunir recursos para evitar ou impedir ameaças é, no mínimo, uma função de integridade pública. A modernização da formação, dos equipamentos militares e outras melhorias das capacidades, terão um efeito limitado se as instituições e as autoridades públicas permanecerem corruptíveis.

A integridade institucional, mesmo aos mais altos níveis de governação na América Latina, tem sido comprometida pelos lucros do narcotráfico. Continua a existir entre os cidadãos uma forte percepção de ligação entre a política e o narcotráfico, de acordo com estudos realizados pela Organização dos Estados Americanos. Reconhecendo isto, os líderes da África Ocidental devem implementar vigorosamente as recomendações do seu plano de acção regional para combater “a corrupção nas forças de aplicação da lei e

o pessoal judicial” como um impedimento prioritário à eficácia dos esforços de combate ao narcotráfico e também devem fortalecer os órgãos de supervisão, prosser oficiais transgressores, e formar instituições de Estado e organizações de sociedade civil para monitorizarem e denunciarem a corrupção.

É também de importância vital para a integridade pública a existência de políticos e eleições credíveis. Dessa forma, os Estados da África Ocidental devem criar sistemas para limitar, controlar e, quando necessário, sancionar os partidos políticos, os políticos e os dadores envolvidos no tráfico de influências. Um dos componentes vitais na implementação de tal sistema é o desenvolvimento das capacidades, quer entre o governo quer entre os grupos de “policimento”, de contabilidade forense para que as autoridades possam rastrear a intrincada rota do dinheiro envolvido. Uma reforma simples e imediata que os estados africanos podem levar a efeito é aumentar as exigências de divulgação da informação financeira dos partidos políticos e dos candidatos, tais como balanços financeiros e declarações sobre os fluxos de tesouraria, medidas que ganharam popularidade entre os grupos de cidadãos e a comunidade empresarial da América Latina. Esta divulgação de informações deve ser actualizada regularmente e facilmente acessível para ajudar a expor a acumulação suspeita de riqueza perante os eleitores.

A experiência latino-americana também sublinha a importância vital da protecção das instituições judiciais. Até há pouco, os grupos criminosos da Guatemala tinham desenvolvido uma enorme influência entre as agências governamentais, as quais usavam para proteger as suas actividades. Não foram invulgares os assassinatos de autoridades da segurança pública que não se dispuseram a colaborar. Em resposta, a legislatura da Guatemala criou uma Comissão Internacional Independente Contra a Impunidade na Guatemala (CIICIG), a qual, em 2007 foi alargada através de uma parceria com as Nações Unidas. A comissão independente solicitou a juristas de países desenvolvidos e em desenvolvimento que trabalhassem com os seus colegas da Guatemala para criarem reformas legais e protegerem os juristas e a integridade judicial. Reformas posteriores à legislação tributária e do código penal ajudaram a dismantelar os grupos ilegais e a identificar as origens da obstrução à boa governação. Em con-

sequência disso, foram condenados 130 indivíduos e 2.000 polícias, um procurador-geral e foram substituídos três juizes do Supremo Tribunal. Um antigo presidente foi condenado e outro foi exonerado. As atitudes mudaram desde então e os juizes, magistrados do Ministério Público e autoridades policiais nas cidades e nas zonas rurais da Guatemala são agora mais capazes de desempenhar as suas funções. A CIICIG serve como um modelo possível para a África Ocidental, cujas legislaturas devem dar os passos para criarem

“o tráfico de cocaína através da África Ocidental é relativamente barato e há que se agir para torná-lo caro”

e capacitarem adequadamente comissões idênticas em parceria com organizações internacionais tais como o Gabinete da ONU para a Droga e Criminalidade ou o Grupo de Acção Intergovernamental contra a Lavagem de Dinheiro na África Ocidental.

Aumentar os Custos de Transacção. O tráfico de cocaína através da África Ocidental é relativamente barato e há que se agir para torná-lo caro. As estratégias de combate ao narcotráfico devem concentrar a sua atenção em tornar mais elevado o preço das transacções. Prender os traficantes, julgar os casos, rastrear as rotas do contrabando e outras operações de combate ao narcotráfico são medidas vitais para atacar o tráfico de cocaína. Além disso, os esforços que se limitam a prejudicar a movimentação do negócio da cocaína através da África Ocidental tornam-no mais árduo, mais caro e menos atractivo para os traficantes. Quanto mais caro for, menor será a tendência dos traficantes de cocaína para usarem a África Ocidental como rota de trânsito.

Algumas operações de muito baixa intensidade produziram resultados impressionantes nas Caraíbas. As apreensões anuais de cocaína nas Antilhas Holandesas subiram de níveis muito reduzidos em 2000 até atingirem 9 toneladas em 2004. Para combater o aumento do narcotráfico as autoridades responsáveis pela segurança dos aeroportos das Antilhas e da Holanda tornaram mais rigorosas as revistas dos passageiros à chegada e à partida. No entanto, em vez de prender os transgressores (isto é, as “mulas” de nível baixo), a

polícia oferece-lhes a oportunidade de cooperarem. Se as “mulas” carregam menos de 3 quilos de droga, não são presas mas enviadas de volta ao seu ponto de origem. Recebem documentação confirmando o confisco das drogas para que não sofram retribuição por parte dos seus empregadores. Esta tática teve sucesso no aumento do preço de transporte das drogas através das Antilhas. Como resultado, o número de mulas em trânsito através das Antilhas Holandesas caiu 96%.¹²

Os esforços para aumentar os custos não são só de interdição. A Nicarágua tem tido bastante sucesso em reduzir o abastecimento de mão-de-obra para o tráfico de cocaína através do seu empenhamento na estratégia de envolvimento da juventude que oferece alternativas ocupacionais, programas prisionais especializados e reabilitação para os ex-membros de gangs. A Polícia Nacional também trabalha com parceiros no governo, nos meios de comunicação, no sector privado e na sociedade civil, para implementar o Programa de Prevenção da Violência Juvenil. Esta iniciativa tem contido a expansão de grandes gangs transnacionais na América Central, que desempenham papéis vitais no transbordo. Enquanto que o número de membros de gangs nas Honduras, El Salvador e Guatemala ascendem às dezenas de milhares, na Nicarágua o total diminuiu de 8.500 em 1999 para 4.500 em 2008. Observa-se este resultado bem-sucedido na Nicarágua apesar do seu baixo rendimento per capita relativamente aos seus vizinhos. O narcotráfico continua a ser um problema na Nicarágua mas um país com recursos limitados pode usar novos métodos para limitar o narcotráfico.

A influência corrosiva do narcotráfico através da África ameaça tornar-se firmemente estabelecida a nível institucional e representa desafios graves e persistentes

à segurança. É o que tem acontecido em muitas áreas da América Latina e das Caraíbas, mesmo onde os níveis de produção de narcóticos e de abuso permaneceram baixos. A aplicação destas lições ajudará a África a minimizar os efeitos debilitantes deste negócio – e os riscos que representam para os recentes progressos registados na governação, economia e estabilidade do continente.

NOTAS

¹ Alan Doig and Stephanie McIvor, “National Integrity Systems Country Study Report: Jamaica 2003,” *Transparency International*, 51.

² “I’m Not a Cocaine Baron,” *Daily Guide*, 21 de Abril 2010. Stephen Ellis, “West Africa’s International Drug Trade,” *African Affairs* (2009), 192.

³ “‘Cocaine Smuggling’ Nigerian Politician Held in Lagos,” *BBC*, 17 de Maio 2010.

⁴ Tanu Jalloh, “Kemoh Sesay Sacked for Police to Arrest,” *Concord Times*, 5 de Agosto 2008.

⁵ Para relatórios de Benin, Ghana, e Nigéria, respectivamente: “Screening Out Morally Unfit Crime Fighters,” *UN Integrated Regional Information Network (IRIN)*, 29 de Outubro 2008. Emmanuel Akli, “MV Resurrected Benjamin Cocaine Affair,” *Ghanaian Chronicle*, 21 de Abril 2010. Idowu Sowunmi, “Funding, Operational Problems Cripple NDLEA,” *This Day*, 28 de Novembro 2009.

⁶ William C. Prillaman, “Crime, Democracy, and Development in Latin America,” *Center for Strategic and International Studies*, Junho 2003, 15.

⁷ Banco Mundial, “Crime, Violence, and Development: Trends, Costs, and Policy Options in the Caribbean,” Março 2007, i.

⁸ Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, “Security Council Debates ‘Devastating impact’ of Drug Trafficking,” 9 de Dezembro 2009.

⁹ Mike McGovern, “Confronting Drug Trafficking in West Africa,” Depoimento perante o Subcomité de Assuntos Africanos, Comité das Relações Extranageiras do Senado dos EUA, 23 de Junho 2009. Também ver Ellis.

¹⁰ Banco Mundial, 33.

¹¹ “Report of the Secretary General on the United Nations Office for West Africa,” Conselho de Segurança das Nações Unidas, 31 de Dezembro 2009, 11.

¹² Banco Mundial, 98.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Director: Embaixador (reformado)
William M. Bellamy
National Defense University
300 Fifth Avenue, Building 21
Fort McNair
Washington, DC 20319-5066
Telefone: + 1 202 685-7300
Website: www.africacenter.org

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM DAKAR

Gerente Regional:
Elisabeth Feleke
Telefone: 221 33 869 61 00
Email: FelekeE@ndu.edu

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM ADIS ABEBA

Gerente Regional:
Brad Anderson
Telefone: 251 11 517 4000
Email: AndersonBG@state.gov

RESUMOS DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

Editor: Dr. Joseph Siegle
Telefone: + 1 202 685-6808
Email: Sieglej@ndu.edu

O Centro de Estudos Estratégicos de África apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visam a África, oferecendo programas académicos de alta qualidade e relevantes, fomentando a consciencialização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com segurança em África, criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais, assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.



O Resumo de Segurança de África apresenta pesquisa e análise de especialistas do CEEA e eruditos, com o objectivo de avançar a compreensão das questões de segurança Africanas. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou qualquer outro órgão do Governo Federal. Para mais informações sobre o CEEA, visite o Web site <http://www.africacenter.org>.

AFRICA CENTER FOR STRATEGIC STUDIES



<http://www.africacenter.org>

